hainamoration[1]: a face real da paixão

NURIA MALAJOVICH MUÑOZ

da ambivalência à *hainamoration*

POR MEIO DA ANÁLISE do amor e do ódio, a psicanálise depreendeu uma lógica da vida amorosa dos sujeitos falantes. Freud e Lacan, ao longo de suas respectivas obras, observaram o fenômeno da paixão, procurando explicações que dessem conta das oscilações entre o amor e o ódio. Lacan, no final de seu ensino, propôs mudanças conceituais importantes sobre o tema, chegando a substituir o termo *ambivalência* por um termo novo, inventado, a *hainamoration*. Situaremos, brevemente, o percurso teórico que culmina com essa proposição.

É sob o ângulo da constituição do psiquismo que Freud analisa as paixões e lhes confere um estatuto particular. Não é possível pensar o amor sem o ódio, a paixão sem a destruição. Eles estão intrincados e apontam para o caráter narcísico das relações humanas. O amor e o ódio foram por ele trabalhados como sendo intrínsecos à relação do homem com seus objetos. Tomando de empréstimo um termo da obra de Bleuler, a *ambivalência*, Freud caracterizou as relações afetivas entre os homens. Não há amor sem ódio, eles se encontram fundidos na paixão primeira do sujeito em relação ao outro, outro a partir do qual o sujeito se constitui.

O outro é, aqui, aquele por meio do qual o sujeito atinge uma imagem unificada de seu corpo, mas também seu duplo, aquele que pode tomar seu lugar, seu rival. É o que Lacan formalizou a partir do estádio do espelho e que retomou, trinta anos depois, com a *hainamoration*.

A *hainamoration* é a paixão inventada pela psicanálise para caracterizar a relação primeira do sujeito com a linguagem. Paixão-limite, ela reenvia à incompletude do ser humano, ao impossível de tudo dizer, mas em uma via que se opõe ao saber. É preciso dizer que foi preciso um longo percurso teórico até que Lacan chegasse a propor esse conceito. Assinalaremos algumas etapas marcantes de seu ensino antes de abordar as conseqüências teóricas que a *hainamoration* introduz.

O amor e o ódio têm um papel importante nas teorizações lacanianas. Desde o início de seu ensino, Lacan os trabalhou enquanto paixões fundamentais do ser. Para a psicanálise, o

[1] *Hainamoration* é um neologismo inventado por Lacan para descrever a primeira relação do sujeito com o outro, ele condensa as palavras *haine* (ódio), *amour* (amor) e o ato de enamorar-se. Optei por não traduzir a expressão por achar que a tradução em voga, *amoródio*, não abarca o sentido da expressão original.

ser é desde sempre perdido e só pode existir de forma concomitante ao advento da palavra. Além disso, a palavra só pode expressar o ser até um certo ponto, pois ele não é redutível a nenhuma significação. É justamente o que o amor e o ódio tendem a realizar, cristalizam o ser na medida em que o personificam em um envoltório imaginário.

Retomemos a *ambivalência*. Nos primeiros tempos do ensino de Lacan, o amor e o ódio foram tratados, no quadro da intersubjetividade, como conseqüência da relação especular. A *ambivalência* é vista, aqui, como uma manifestação da inércia do imaginário e se apresenta como dependente de uma falha do simbólico. A *ambivalência* entre o amor e o ódio é aquilo que faz, portanto, obstáculo à elaboração simbólica.

A partir da formalização do registro simbólico e de sua organização, o amor e o ódio passam a ser articulados com a posição simbólica ocupada pelo sujeito na estrutura. As paixões são, então, concebidas como tentativa de dar corpo ao desejo, puro corte, dando consistência imaginária àquilo que falta ao Outro.

Dissemos que Lacan situa as paixões em correspondência ao ser. Mas é também com as teorizações acerca do ser do sujeito que virão os primeiros questionamentos de Lacan a respeito da ética da psicanálise. É a partir do seminário de Ética que Lacan recentrará as relações do sujeito com o gozo: fará aparecer um gozo, o de *das Ding*, que não é contido nem pelo desejo e nem pela fantasia.

Começa a esboçar-se a relação das paixões com o real do objeto que será desenvolvida no Seminário XX. Lacan interrogará, nesse ponto, o significante em sua vertente real. É a partir da ética do Bem-dizer que Lacan tentará depreender a face real das paixões. A *hainamoration* virá substituir a ambivalência entre o amor e o ódio. É um termo inventado por Lacan para designar a paixão primeira do sujeito, efeito da *alíngua* sobre o ser.

sobre a *hainamoration*

Lacan operará um giro conceitual acerca do conceito de ambivalência no Seminário XX. Esse giro é conseqüência do movimento que Lacan persegue em direção à uma concepção da estrutura da linguagem, não mais ordenada pelo simbólico, mas dependente da amarração dos três registros: Real, Simbólico e Imaginário. A linguagem é considerada aqui como uma construção, uma elucubração de saber sobre *alíngua*, ou seja, da fala antes da organização da linguagem.

Se, em um primeiro tempo das considerações sobre a ética, os afetos foram localizados como enganosos, com a ética do Bem-dizer; Lacan tentará apreender a face real das paixões. Embora o amor se dirija ao saber, ele imagina-riza o ser. Para Lacan, o saber e o ser são discordantes, pois a paixão confere ao ser um corpo, presentificando-o imaginariamente.

Lacan teorizou o ser em relação ao que Freud chamou de umbigo do sonho, ponto de impossível em torno do qual o sonho se estrutura. Para Lacan, o ser só existe ao falar, só a dito do ser. Mas, como dissemos anteriormente, o ser não tem consistência, o que seria uma ilusão do amor. É por isso que a psicanálise vai em uma outra via, tenta investigar o que os ditos guardam de um dizer.

O dizer, para Lacan, é aquilo que faz exceção aos ditos e que permite, por conseqüência, isolá-los em um conjunto. É por isso que o dizer, assim como a verdade, só pode ser meio-dito. Cabe, portanto, à psicanálise tentar depreender o real em jogo nas paixões, de forma a possibilitar que um saber sobre a verdade possa ser atingido.

O amor e o ódio — e também a ignorância — serão retomados nesse seminário em relação ao real do objeto. Lacan vai assinalar que se, por um lado, as paixões tampam o buraco do saber, esse mesmo movimento permite uma abordagem do real. O que ex-siste na estrutura é, para Lacan, a não-relação entre o gozo e o Outro. Os afetos são aqui localizados como efeitos da *alíngua* sobre o ser.

> O inconsciente é o testemunho de um saber, no que ele, em grande parte, escapa ao ser falante. Esse ser dá oportunidade de perceber até onde vão os efeitos da alíngua, pelo seguinte, que ele apresenta toda sorte de afetos que restam enigmáticos. Esses afetos são o que resulta da presença de alíngua no que, de saber, ele articula coisas que vão muito mais longe do que aquilo que o ser falante suporta de saber enunciado. [2]

[2] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.190.

O inconsciente só pode ser tratado a partir do dito, mas o que a psicanálise visa a atingir é o dizer. Vemos então que Lacan situa os afetos como ditos do ser que devem ser lidos de forma a tentar atingir algo de um dizer. Com isso, Lacan quer acentuar o fato de que não basta constatar a presença de determinado afeto, não é possível considerá-lo como uma verdade *a priori*, deve-se apreender sua relação com *alíngua* de modo a atingir seu efeito real.

Tomemos os afetos na vertente do dito. Lacan mostra que o ser humano tende a fazer nó, suplência da não-relação sexual. Essa suplência tende a fazer sentido do não-sentido, é assim que o amor vai ser percebido como ignorância do desejo de ser Um.

> O que faz agüentar-se a imagem é um resto. A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretendo objetal — papo furado — é, de fato, o que, no desejo, é resto, isto é, sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade. O amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas desejo de ser Um, o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação dos quem? — *dois* sexos.[3]

[3] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.14.

Lacan opera aí uma distinção entre a via imaginária de abordagem do Um, por meio da miragem do amor, e uma outra menos fusional. Esta se dá a ver nas matemáticas, mais precisamente na teoria dos conjuntos, abordagem do Um que atinge o real.

Só a matematização atinge um real — e é nisso que ela é compatível com nosso discurso, o discurso analítico —, um real que nada tem a ver com o que o conhecimento tradicional suportou e que não é o que ele crê, realidade, mas sim fantasia. O real é o mistério do corpo falante, é o mistério do inconsciente.[4]

[4] Cf. Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.178.

A via de abordagem do Um privilegiada por Lacan se aproxima das matemáticas na medida em que tenta apreender o real, tentando não se deixar enganar pelo imaginário. Lacan indica como guia para essa travessia a análise do inconsciente e de seus mistérios.

Voltemos às paixões para tentar depreender sua relação com o real. Lacan mostra que as paixões podem ser tomadas como traduções possíveis de um encontro real. Esse encontro deixa perceber a ex-sistência do gozo na medida em que atesta a não-relação entre os sexos. O amor, ao visar ao ser, produz efeitos de linguagem que fazem com que os corpos se reproduzam.

> É por aí que se faz a abertura pela qual é o mundo que vem a ser nosso parceiro. É o corpo falante, no que ele só pode chegar a se reproduzir graças a um mal-entendido do seu gozo. O que é dizer que ele só se reproduz graças a uma rata do que

> ele quer dizer — isto é, como bem diz alíngua, seu sem-tido — é seu gozo efetivo. E é ao rateá-lo que ele se reproduz — quer dizer, ao trepar. [5]

[5] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.163-164.

Lacan demonstra assim que a contingência do encontro é vivida com um sentido no amor, o amor tende a fazer da contingência necessidade, dando-lhe um conteúdo. A não-relação sexual é o que "não cessa de não se escrever", ou seja, marca a impossibilidade estrutural de fazer existir uma relação entre os sexos.

Mas Lacan vai indicar que a relação "dita" sexual é, ao contrário, da ordem do possível. Ou seja, o ato sexual depende de um encontro contingente, mas o problema do amor é que ele tende a recobrir o encontro, transformando-o em necessidade. A contingência é situada por Lacan como o "cessa de não se escrever" que o amor tende a transformar em necessidade, a transformar em "não cessa de se escrever".

> A contingência, eu a encarnei no pára de não se escrever. Pois aí não há outra coisa senão encontro, encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que, em cada um, marca o traço do seu exílio, não como sujeito, mas como falante, do seu exílio da relação sexual. Não é o mesmo que dizer que é somente pelo afeto que resulta dessa hiância que algo se encontra, que pode variar infinitamente quanto ao nível do saber, mas que, por um instante, dá a ilusão de que a relação sexual pára de não se escrever? Ilusão de que algo não somente se articula, mas se inscreve, se inscreve no destino de cada um, pelo que, durante um tempo, tempo de suspensão, o que seria a relação sexual encontra, no ser que fala, seu traço e sua via de miragem.[6]

[6] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.198-199.

Vemos que as paixões tornam possível o encontro — mesmo se tendem a transformar esse encontro em necessidade — e é nessa medida que Lacan situará as paixões em relação à ex-sistência, ou seja, ao real. Cabe insistir no fato de que, ao mesmo tempo em que as paixões tocam o real, elas o prendem em um conteúdo.

Lacan mostra que o amor, contrariamente ao que se pensou na filosofia, não tem nada a ver com o saber sobre o ser. Ao contrário, é o ódio quem se aproxima da ex-sistência. O amor, para Lacan, nada quer saber do saber. Isso pode parecer paradoxal, posto que é nesse mesmo seminário que Lacan afirma que o amor é ligado a uma suposição de saber: "aquele a quem eu suponho o saber, eu o amo"[7].

[7] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.91.

Se o amor não tem nada a ver com o saber, é na medida em que tende a tampar seu furo. Por exemplo, quando suponho que um sujeito detém um saber sobre meu ser é justamente para não ter que me haver com a incompletude. Supor que alguém detém o saber é conferir-lhe uma consistência. No amor é, portanto, a vertente imaginária do saber que está em jogo, ou seja, o que do amor se agarra a uma suposição de saber.

Lacan indica, por outro lado, que o imaginário é aquilo que dá consistência ao real, ou seja, ao mesmo tempo em que o amor toca o saber, um real pode assim ser atingido. É nesse sentido que o afeto tem um efeito de gozo, efeito real que vem ao corpo.

É também nessa mesma linha que podemos compreender o enunciado de Lacan que diz que o amor é aquilo que faz signo e é sempre recíproco. Como dissemos, Lacan acentua o caráter de miragem do amor, ilusão imaginária que tende a fazer Um. Mas, por outro lado, o signo é definido por Lacan não como signo de algo, "mas de um efeito que é aquilo que se supõe, enquanto tal, de um funcionamento do significante",[8] ou seja, o efeito não pode ser outro do que real.

[8] LACAN. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.68.

É nesse quadro que Lacan terminará por recusar a ambivalência de modo a excluir os efeitos imaginários que esta poderia acarretar. Isso marca uma tentativa de Lacan de delimitar as face real das paixões, de modo a localizar o que, do amor e do ódio, se alcança de um dizer.

> O que, para vocês, eu gostaria de escrever hoje como a *hainamoration*, uma enamoração feita de ódio (*haine*) e de amor, é o relevo que a psicanálise soube introduzir para nele inscrever a zona de sua experiência. Era, de sua parte, um testemunho de boa vontade. Se pelo menos ela tivesse sabido chamá-lo com outro nome que não esse, bastardo de ambivalência, talvez ela tivesse tido mais sucesso em revelar o contexto da época em que ela se insere. Mas isso talvez seja modéstia de sua parte.[9]

[9] LACAN. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.122.

Lacan, ao propor o termo *hainamoration*, assinala que "não se conhece nenhum amor sem ódio".[10] Não se trata portanto de ambivalência, de uma passagem do amor ao ódio e vice- versa, mas de uma localização das paixões em relação à estrutura. O amor e o ódio têm o mesmo lugar estrutural em sua ligação com o ser. São efeitos da linguagem sobre o real do ser:

[10] LACAN. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.122.

> A abordagem do ser, não é aí que reside o extremo do amor, o verdadeiro amor? E o verdadeiro amor, certamente, não foi a experiência analítica que fez essa descoberta, cuja modulação eterna dos temas sobre o amor carrega suficientemente o reflexo — o verdadeiro amor desemboca no ódio. [11]

[11] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.200.

Lacan indica assim que no amor o ser é abordado como ilusão de ser Um. Mas essa ilusão pode não se sustentar e o outro ser imaginarizado como aquele que detém objeto *a*, logo, como o ser, fazendo o ódio surgir: "ou ele ou eu". Por isso, Lacan afirma: "ninguém percebe que um ódio, um ódio sólido, ele se dirige ao ser, ao ser mesmo de alguém".[12] Sendo assim, vemos que o encontro com o real pode dar-se como ódio já que, como assinala Lacan, "nada concentra mais ódio do que esse dizer onde se situa a ex-sistência".[13]

[12] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.135.

[13] Lacan. *O seminário* – livro 20: mais, ainda, p.164.

Tomemos o exemplo tirado por Lacan de Santo Agostinho. Ele descreve o ódio ciumento sentido pelo menino vendo seu irmão mamando no peito. Lacan vai mostrar que a visão do bebê mamando instaura a falta no menino, na medida em que ele vê o ser como o outro completo com o objeto *a*. É nessa vertente que Lacan propõe situar o objeto *a* como semblante de ser. Lacan demonstra com isso, mais uma vez, que o ódio vem dotar de consistência imaginária a ex-sistência. Por isso, no ponto onde essa cena revela o real do objeto, o sujeito, dando consistência ao ser, responde com ódio, tapando o buraco do saber.

Vimos que é nesse seminário que Lacan trabalha o amor e o ódio em relação ao real. A *hainamoration* é a paixão que a linguagem impõe ao ser, na tentativa de lhe conferir uma roupagem imaginária. É somente nesse movimento que um real pode ser alcançado. Em *RSI* , Lacan chegará a centrar a *hainamoration* em relação ao real da estrutura, ou seja, ao nó borromeano:

> Com o nó borromeano, temos ao nosso alcance, isto que nos é essencial, crucial para a nossa prática, aquilo que eu enunciei como verdade primeira, a saber que o amor é *hain(e)amoration, h-a-i-n-a-m-o-r-a-t-i-o-n, hainamoration.* [...] Não que o amor não se preocupe um pouquinho, o mínimo, ocasionalmente, pelo bem-estar do outro. Mas é claro que só o faz até um certo limite, o qual, até hoje, nada melhor encontrei para representá-lo do que o nó borromeano. [...]

> A partir desse limite, o amor se obstina, porque há Real na história, o amor se obstina a todo o contrário do bem-estar do outro.[14]

[14] A tradução é de minha autoria. LACAN. *O seminário* – livro 22: RSI. Lição de 15/04/75. Inédito.

Lacan coloca o Real como limite para o amor, o impossível da relação sexual. A *hainamoration* é a paixão psicanalítica por excelência porque revela a impossibilidade de constituir uma relação entre os sexos. É justamente nesse limite que cabe à psicanálise operar, de modo a fazer com que cada sujeito possa construir, frente a essa ausência, uma nova relação com o saber.



referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *O seminário*: livro XX: Mais, ainda. Trad. : M. D. Magno. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário*: livro XXII: RSI, inédito.

resumo

Este artigo analisa as mudanças conceituais produzidas por Lacan ao substituir o termo *ambivalência* pela *hainamoration*. São exploradas as relações do amor e do ódio com o real do objeto e discutidas suas articulações com o saber.

abstract

This article analyzes the conceptual shifts which were produced by Lacan with his replacement of the term 'ambivalence' for *hainamoration*. The connections of love and hate with the real of the object are explored and their articulations to knowledge are discussed.